

REFLEXÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA HISTÓRIA ANTIGA: APRESENTAÇÃO DE PERSPECTIVAS DE ESTUDO PARA O EGITO ANTIGO

Rodrigo Henrique Araújo da Costa¹

RESUMO

Tendo como área a Historiografia da História Antiga do Egito Antigo, este artigo visa refletir sobre uma particular Historiografia e metodologia da História Antiga do Egito, discutindo os enfoques dados para o estudo do Egito Antigo e referenciando alguns dos historiadores que produziram sobre os egípcios. Sendo assim, iremos apresentar algumas vertentes historiográficas da Antiguidade e suas abordagens de estudo, compreendendo como esses historiadores da antiguidade tornaram manifesta aquela sociedade e aquele povo. Para tanto, iremos observar sob o prisma da História Cultural seis perspectivas importantes para este viés escolhido. São elas: as visões do corpo com o método de Neyde Theml, o corpo como objeto de estudo para a História Antiga e historicizado no espaço sócio-político-cultural; as cenas do Egito Antigo que mostram a perspectiva da História da Arte com E. H. Gombrich e as representações do corpo no Egito Antigo; a alimentação e a cozinha do Egito Antigo como expressão das relações sociais e das forças que atuaram na antiguidade egípcia através da abordagem de Pierre Tallet; a perspectiva de Eugen Strouhal em capítulo que trata sobre as doenças, a saúde e a medicina na antiguidade egípcia, desde as curas racionais aos poderes mágicos; a sexualidade e o erotismo egípcios como ligados ao mundo religioso e relacionados com rituais e mitos que asseveravam a fertilidade e a saúde sexual dos egípcios com a apresentação dos livros de Lise Manniche e de Joseph Toledano e El-Qhamid e pensar brevemente sobre a vida das mulheres egípcias, festas, casamento, direitos e costumes pela metodologia de Christian Jacq. Há a necessidade de compreender a complexidade e os desafios do Egito Antigo em seus mais importantes enfoques. Este trabalho, portanto, resumirá os pontos de vista e metodologias adotados que mostram as relações de poder e a construção dos elementos simbólicos e institucionais no Egito Antigo, por meio dos autores citados que trabalharam as respectivas perspectivas do corpo, da arte, da cozinha, das doenças, da sexualidade e da mulher.

Palavras-chave: História Antiga; Historiografia da Antiguidade; História do Egito Antigo; Perspectivas para o Egito Antigo. Metodologia para o Egito Antigo.

... existe uma tradição direta, transmitida de mestre à discípulo, e de discípulo a admirador ou copista, a qual vincula a arte de nosso tempo, cada construção ou cada cartaz, à arte do vale do Nilo de uns cinco mil anos atrás. (Gombrich, 2011, p. 55.).

Este artigo visa imprimir considerações sobre algumas das vertentes historiográficas para o estudo da antiguidade, notadamente, do Egito Antigo, sob os auspícios do que se convém chamar de História Cultural, refletindo sobre que tipo de Historiografia existe para a História Antiga do Egito. Há uma diversidade de perspectivas quando se trata de História Antiga e diversa é a Historiografia especializada na área e os enfoques dados. A História Antiga merece um tipo próprio

¹ Professor Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPB. Foi professor substituto do Depto. de História/CH/UEPB. Atualmente, é professor substituto de História na UAHis da UFCG.

de resgate da memória, principalmente, porque não há uma definição precisa ou conclusiva sobre o termo História Antiga. Assim, a única coisa que nos guia neste mister são as convenções que nos forcem a um recorte muitas vezes reducionista. É o caso do Egito Antigo. A Egiptologia só surge no Ocidente a partir da decifração completa da Pedra de Roseta pelo estudioso Jean-François Champollion, em 1822.

Não há como vislumbrar a História Antiga como sendo uma história Antiga do mundo inteiro, mas de um recorte específico do passado ou de um povo. É necessário pensar outra linha do tempo e outras abordagens, que possibilitem observar a fluidez desses mundos, a plasticidade das definições de antiguidade e o trânsito de influências culturais de todas as civilizações antigas. Para tal trabalho, e pensando em um esquema de visualização das vertentes da historiografia da História Antiga, foi possível organizar as diversas abordagens metodológicas e perspectivas Historiográficas, junto com os principais autores. Trata-se de um esquema reflexivo que direcione professores e alunos a um universo de referências que podem utilizar e expandir nas pesquisas e aulas. Observemos o esquema:

1) Memória / História Oral / Fontes Orais (Heródoto, Homero, Tucídides, etc); 2) História Mítica / Religião (Paul Veyne em *Acreditavam os gregos em seus mitos ?*); 3) Político-Econômica (clássicos como o historiador alemão Christian Meier e Werner Jaeger em *Paidéia*); 4) Religião e Política (Ciro Flamarion Cardoso); 5) Economia (Moses Finley, *A economia antiga*); 6) Línguas / Linguística (Igor M. Diakonoff com *Structure of Society and State in Early Dynastic Sumer*); 7) Cultura Material / Estudos Arqueológicos/ Literatura (como é o caso do Livro dos Mortos ou a Epopéia de Gilgamesh); 8) Mitologias, Cosmogonias e Crenças (Norman Cohn, em *Cosmos, Caos e o mundo que virá* e também Junito de Souza Brandão); 9) Renovação Da História Antiga (artigo de Pedro Paulo Funari sobre novas possibilidades analíticas e novos temas para a História Antiga: A renovação da história antiga); 10) Direito e Poder (Antonio Carlos Wolkmer em *Fundamentos de história do direito*); 11) Antropologia Histórica (com os trabalhos de estudo comparado de Louis Gernet e, pioneiro no domínio religioso, *Mito e Religião na Grécia Antiga* de Jean Pierre Vernant); 12) Antropologia Sociocultural (Georges Balandier no livro *Antropo-logiques*); 13) Antropologia de Base Estruturalista ou Nova Antropologia (Senso de estética, cuidados com a saúde, preocupações com higiene, a moral, a intimidade, as mulheres, opções sexuais e amorosas e a família. Método de *História da vida privada*, Vol. 1: do Império Romano ao ano mil. Org. Paul Veyne, notadamente, no artigo *A nova antropologia*); 14) Vestuário (M. Eventon (Org.) *História Ilustrada do Vestuário: Um estudo da indumentária do Egito Antigo ao final do século XIX*); 15) *Palácio e o Templo: Documentos cerealíferos* de Emanuel Bouzon em *Ensaios babilônicos: sociedade, economia e*

cultura na Babilônia pré-cristã; 16) Estudo das Guerras (Victor Davis Hanson no Livro *Le Modèle occidental de La guerre*); 17) História da Sexualidade (Aline Roussele em *Pornéia. Sexualidade e amor no Mundo Antigo*); 18) Mulheres e o Matrimônio. Caso de José Miguel Parra Ortiz em *A vida amorosa no Egito Antigo: sexo, matrimônio e Erotismo*.

De acordo com Pierre Cabanes, “é preciso aceitar que a Antiguidade constitui, para nós, um mundo novo, uma civilização exótica e abolida, a qual não se aplicam necessariamente nosso modo de pensar” (2009, p. 11). Assim, nossas definições, nosso modo de pensar e conceituação, nossa metodologia e abordagem, tanto na historiografia utilizada, como na metodologia para o estudo e ensino da História Antiga, precisam ser revistas constantemente. *E como tornar manifesto o pensamento dos antigos?* Como lembra François Hartog, num artigo consagrado a *La Méthode de Paul Veyne (Annales ESC, 1978, p. 328)*, “sem conceitos, não se vê nada, no sentido próprio, e se faz História narrativa. O trabalho do historiador é justamente encontrar a especificidade de seu terreno de estudo, isto é o que é geral e particular ao mesmo tempo: tornar o indivíduo inteligível” (2009, p. 11-12). Para Cabanes, a História Antiga é um canteiro sempre aberto: “Para quem quer compreender o mundo antigo, é indispensável que o tome tal como era, sem transpor dados da época contemporânea para um universo radicalmente diferente” (2009, p. 14). Um mundo novo: “Se desistimos de compreender a Antiguidade através de nossos primas deformantes, então ela deve aparecer-nos como um mundo novo a descobrir”. Um mundo vivo: “Não existe versão definitivamente estabelecida da história antiga. Trata-se muito mais de entrar num vasto canteiro, em permanente evolução, graças aos aportes incessantemente novos da arqueologia, da epigrafia, da numismática, etc” (Idem, p. 15-16).

O Historiador da antiguidade deve lidar com uma documentação fragmentária e lacunar. No caso do Egito, percebemos uma riqueza tanto do domínio das artes como no domínio da organização humana. A abordagem dessa civilização requer atentar para seus diversos aspectos, frequentemente, fazendo-se a análise sobre os empréstimos às civilizações mesopotâmica, hebraica, fenícia e grega. Diante do exposto, elencados os desafios e tendo um esquema de temas e diversos autores de referência, apresentamos algumas perspectivas que consideramos, no momento, importantes para uma História Cultural do Egito Antigo: o corpo com Neyde Theml, a arte com E. H. Gombrich, a alimentação e a cozinha com Pierre Tallet, as doenças e a medicina com Eugen Strouhal, a sexualidade e o erotismo com Lise Manniche e Toledano e El-Qhamid e as mulheres com Christian Jacq.

1. O MÉTODO DE NEYDE THEML – O CORPO COMO CAMPO DE EXERCÍCIO DE EXPERIMENTAÇÃO COMPARADA

Neyde Theml foi professora emérita de História Antiga da UFRJ, fundadora do Laboratório de História Antiga e autora de diversos livros, entre eles *O público e o privado na Grécia do VIII ao IV século a. C.: o modelo ateniense* e *Olhares do Corpo*. Ela ressalta que o fundamento da História Comparada pode ser trabalhado “na proposta de mudança de atitude no modo de fazer história em diálogo com a antropologia, demarcando a comparação de objetos próximos e distantes, singulares e plural, diferentes e semelhantes, ou seja, objetos construídos a partir da perspectiva experimental de comparar o incomparável” (2004, p. 17).

Desta forma, por meio desta abordagem, podemos tratar e comparar ao mesmo tempo a História do Egito Antigo com a História da Grécia Antiga, pois, o que é privilegiado é o corpo. Para Theml, “A visão do corpo como marca social aponta para as questões de gênero, sexualidade, status, formas pelas quais as sociedades da antiguidade demarcavam o corpo definindo suas categorias sociais e políticas” (2011, p. 173). Ao observarmos o corpo, estudamos sua dimensão simbólica, apreendendo o imaginário social que está em torno de suas representações na sociedade e na política. Para Neyde Theml, o corpo demarca o exercício do poder de uma determinada sociedade, de um povo e em um dado local específico.

Conforme Theml, “o corpo torna-se um campo produtor de sentido e interação continuamente no espaço sócio-político-cultural. O corpo permite apreender que as sensações, os hábitos e os costumes podem ser historicizados, expondo a maneira pelas quais diferentes culturas percebem, descrevem e pensam o corpo” (2011, p.174). Olhando o corpo, iremos encontrar informações convergentes ou divergentes. Assim, “podemos encontrar os modos pelos quais se estabelecem as relações de identidade e alteridade, assim como as práticas sociais permitidas e interditas e, ainda mais, a dinâmica das relações de poder no jogo das permanências e mudanças socioculturais” (2011, p. 175).

2. E. H. GOMBRICH: ARTE PARA A ETERNIDADE

O livro de E. H. Gombrich, *A História da Arte*, foi publicado pela primeira vez em 1950. Gombrich é considerado um dos pioneiros na História da Arte e é conhecido como um dos mais influentes estudiosos do século XX. Sua erudição e seu fazer científico no campo da História o faz credor da revitalização da História da Arte. Em um belo capítulo 2, intitulado *Arte para a eternidade*, E. H. Gombrich nos fala “de uma terra que estava tão perfeitamente organizada” (2011, p. 55) que foi capaz de deixar intactos sua essência e seu estilo. Gombrich nos deu algumas das

principais diretrizes sobre a arte egípcia, tais como o objetivo real das pirâmides que era o de guardar o corpo mumificado do faraó e ajudar na ascensão da alma do morto. Além da importância prática das pirâmides, ele observa as inúmeras fórmulas, maldições e quebrantos escritos nos pórticos de entrada das catacumbas. Para Gombrich, o escultor preocupava-se em manter vivo. Uma imagem fiel e plácida do rei deveria ser preservada, mantendo-se para a posteridade os aspectos essenciais do faraó. O próprio nome egípcio para designar escultor era “Aquele que mantém vivo”. Observemos uma das cenas propostas:



Outro momento de análise é o Jardim de Nebanum.² Os pintores não tinham o menor escrúpulo de abordar o problema desta forma, tudo deveria entrar no quadro com clareza; desenhavam como se o tanque e as árvores fossem vistos de cima. O retrato de Hesire numa porta de madeira em seu túmulo é revelador.³ A pergunta feita sobre Hesire é, “Pois como poderia um homem com seu braço “perspectivado” ou “cortado” levar ou receber as necessárias oferendas aos mortos?” (2011, p. 61). A perspectiva de perfil não era uma incapacidade, mas com o objetivo de tudo ser mostrado ao expectador, o que estava sendo levado ao faraó, ou a um Deus.



No mural do túmulo de khnumhotep⁴ vê-se que a caça e a pesca tinham um importante valor simbólico para as classes dominantes. O alto governante era sempre representado maior que os demais, e seu nome deveria estar em destaque. Os detalhes são bem feitos, como é o caso dos pássaros num arbusto de acácia.

² C. de 1400 a. C. Presente no British Museum, Londres.

³ C. de 2778-2723 a. C. Presente no Museu Egípcio do Cairo.

⁴ C. de 1900 a. C. Desenhos baseados no mural original. Publicado em 1842, por Karl Lepsius.



Cena de um dos “Livros dos mortos”, datado de c. de 1285 a.C., British Museum, onde se vê diversos deuses num ritual. A representação dos Faraós se manteve imutável, até uma ruptura com Akhnaton e Nefertiti com seus filhos.⁵ Há uma intimidade revelada ali. Tutankhamon e sua esposa,⁶ também revelam esse momento de descontração, nunca visto anteriormente à reforma religiosa egípcia.



3. ALIMENTAÇÃO NO EGITO ANTIGO

Pierre Tallet estudou na École normale supérieure e é professor da Universidade Sorbonne (Paris IV), com doutorado em egiptologia, e é presidente da tradicional Sociedade Francesa de Egiptologia. Ao trabalhar com a cozinha egípcia, Pierre Tallet em seu livro *História da cozinha faraônica - a alimentação no Egito Antigo*, de 2005, abarca um *panorama social daquela civilização, as relações hierárquicas, as motivações religiosas, a saúde e o dia-a-dia*. O centro de seus estudos parte da cozinha para entender as relações sociais e de poder do Egito Antigo. Ao revelar o método, mostra as características obtidas por meio da alimentação, como o cuidado com o manuseio da carne, na fabricação da cerveja *henequet* e na panificação, o pilar básico da alimentação egípcia. Para Tallet, a desigualdade social é compreendida por meio da cozinha e da alimentação no Egito Antigo. Conforme o historiador, a medicina também se utilizava dos alimentos por meio de elementos curativos. Os ingredientes eram rigorosamente misturados para a fabricação dos remédios, estando presentes nos rituais funerários e mitológicos. Há um sem número de enfoques para se estudar o Egito Antigo, mas para Tallet, a alimentação é uma chave fulcral para se compreender aquela sociedade e seu povo.

⁵ C. de 1345 a.C. Staatliche Museem, Museu Egípcio de Berlim.

⁶ C. de 1130 a.C. Detalhe do trono encontrado em seu túmulo, descoberto por Howard Carter em 1922. Museu Egípcio do Cairo.

A alimentação é tão antiga quanto o próprio homem e, expandindo tal pensamento ao nível de uma civilização inteira, revelam-se diversos fatores sociais despercebidos caso o enfoque fosse o político. Assim, a pergunta *quem produz o que e para quem* cabe para se entender a complexidade da pirâmide social egípcia e, de acordo com Tallet, a própria divisão do trabalho nas diversas épocas do Egito. Aos mais pobres era reservada apenas a alimentação básica, enquanto produziam alimentos para os ricos. Conclui-se que até mesmo aos mortos eram oferecidas comidas de maior qualidade. Para os faraós, uma variedade imensa da alta gastronomia da época. Observemos algumas imagens—exemplos da metodologia de Tallet. Abaixo, pintura no túmulo do funcionário Sennedjem.⁷ Os egípcios sempre demonstraram apego pelo método de produção dos alimentos e pelas técnicas agrícolas. Escribas tomando nota da colheita e do trabalho dos camponeses.⁸ Cuidado e consumo da carne em quantidade, principalmente a do boi.⁹



O morto, sentado diante de uma mesa, tem ao seu alcance uma série de pães. Túmulo de Irukaptah, Necrópole de Sakkarah. Ao lado, a mesa ou tábua de oferendas de Inpu, novo império, Museu Egípcio de Barcelona. Ofertante carregando um quarto traseiro de boi.¹⁰ Procissão de ofertantes, na Necrópole de Sakkarah, na qual se vê uma grande variedade de animais domésticos e produtos agrícolas.¹¹



⁷ XIX dinastia, cerca de 1200 a.C. Imagem de Domínio público retirada da Wikimedia Commons.

⁸ Pintura do túmulo de Menena, XVIII dinastia, Necrópole de Tebas.

⁹ Pintura e relevo do túmulo de Nebamon, em Tebas.

¹⁰ Imagem presente na tumba de Iymeri, Gizé.

¹¹ Túmulo de Ti, em Sakkarah.

Para Tallet, os textos hieroglíficos dirigidos a Osíris e Anúbis requeriam oferendas completas e de qualidade. Os olhos representados em uma das laterais permitiam que o morto observasse o que ocorria no mundo exterior e cobrasse àqueles que deviam oferendas.¹² Com relação aos frutos, consumiam uvas, figos e tâmaras, também empregados em remédios. *Pães, bolos e cerveja eram preparados nas casas das pessoas ricas e pobres e também nos templos*, o que incluía a moagem dos grãos, como na figura de uma serva carregando uma oferenda.¹³



4. AS DOENÇAS, A SAÚDE E A MEDICINA EGÍPCIA

Eugen Strouhal é um antropólogo e físico checo, que também estudou medicina, arqueologia e antropologia em Praga e Bratislava. Em seu livro *A vida no Antigo Egito*, o capítulo XIX, *A cada doença um remédio* dá base a um dos enfoques mais importantes, as doenças. As fontes básicas são Homero: “Aquela terra fecunda produz abundantes ervas. Algumas nocivas e outras curativas, devidamente misturadas. Ali, cada homem é um doutor; cada homem sabe melhor que os demais como tratar todo tipo de doenças”. (Odisséia, IV, 229-232), e também Heródoto: “A prática da medicina está tão dividida entre eles que cada médico trata somente uma doença e não mais. Há suficientes doutores em toda parte. Alguns tratam os olhos, outros a cabeça, outros os dentes ou o ventre e alguns doenças ocultas...” (II, 84). Abaixo, Imhotep também reverenciado como Deus da medicina e da cura. E, ao lado, a múmia de Ramsés II¹⁴ que sofria de doença dentária e osteoporose severa.



¹² Sarcófago do sacerdote Knumhotep, XII dinastia. Museu Egípcio de Barcelona.

¹³ Datada como sendo da XII dinastia (1991 a 1783 a.C.). Museu Britânico, Londres.

¹⁴ Terceiro Faraó da XIX dinastia. Reinou entre 1279 a.C. e 1213 a.C. Museu Egípcio do Cairo, Egito.

Um das conclusões obtidas por Strouhal é a de que é um equívoco relacionar a profissão de médico a de embalsamadores. *Estes eram sacerdotes inteiramente devotados ao Deus Anúbis. Já os médicos formavam-se nos textos antigos, e nas autópsias.* Para Diodoro da Sicília “(Os egípcios) administram seus tratamentos de acordo com uma lei escrita que foi redigida em tempos antigos por muitos médicos famosos. Se seguem as regras desta lei, tal como se lê nos livros sagrados e, contudo, não conseguem salvar o paciente, estão absolvidos de qualquer responsabilidade; mas se vão contra as prescrições da lei, devem ser submetidos a um juízo, cuja pena é a morte” (I, 82, 3). O Papiro de Ebers é um dos tratados médicos egípcios mais antigos e importantes que se conhece, datado de c. de 1550 a.C. E o Papiro de Edwin Smith, c. de 1300 a.C., documenta a medicina do Antigo Egito, incluindo o diagnóstico e tratamento de lesões e doenças.



Para os egípcios, do coração partiam canais conhecidos como *metue*; a boa saúde dependia da fluidez destes canais. Segundo o autor, “O exame de documentos, tanto médicos como não, convenceu muitos investigadores de que os antigos egípcios sabiam anatomia com bastante detalhe” (2007, p. 245). As provas chegam até nós por meio de diferentes fontes do ramo da Egiptologia chamado paleo-patologia. Diante destes textos médicos, os egípcios reconheciam cerca de 200 tipos de doenças ou anomalias, e também graças a muitas ilustrações e esculturas. Abaixo, a rainha de Punt que possuía obesidade, lipodistrofia ou doença de Decrum, esteotopia, pronunciada curvatura da dorsal. O anão acondroplástico Seneb e sua família, que possuía um tipo de nanismo bastante comprometedor de sua fisiologia. O Sacerdote Remi, representado com uma perna mais curta e mais fina, como resultado da poliomielite, doença comum. As feições acromegálicas e eunucóides de Akhenaton e suas filhas poderiam estar relacionadas com a síndrome de Fröhlich, mau funcionamento da glândula pituitária, devido a um tumor cerebral.



A partir das autópsias das múmias foi possível identificar uma série de doenças. O grande número de esqueletos estudados por Strouhal permitiu dados sobre as condições sanitárias, observando a qualidade de vida ou não de um alto dignatário do faraó ou de um pobre. Identifica-se a aplicação das mais de 200 receitas encontradas nos textos, que incluíam vasilhames, socadores, rolos, duchas vaginais, enemas, etc. As gotas para os olhos eram aplicadas com uma pluma. As inalações eram feitas com a substância sobre uma pedra quente. Para doenças vaginais, sentava-se sobre uma panela com as substâncias prescritas. As cirurgias eram realizadas com diversos instrumentos. Para curar feridas eram utilizadas suturas e algodões. Cena de circuncisão de hebreus, tumba de Anknmahor, VI dinastia, c. de 2330-2345 a.C., e cena de cuidados ortopédicos, tumba de Anknmahor, VI dinastia, c. de 2330-2345 a.C. Inscrição com instrumentos médicos, gravura do Templo de Kom Ombo, do período Ptolomaico, cerca de 330 a.C.



Para Strouhal, *quando falhava a medicina racional, fazia sua aparição a medicina mágica. As fórmulas iam sempre acompanhadas pelo recitado de conjuros mágicos, cultuando a Amon, Thot, Hórus, Ísis e Serápis.* As pessoas também tentavam libertar-se das doenças e dos demônios usando amuletos. O mais famoso era o olho de Hórus, que afugentava maus espíritos e simbolizava saúde e proteção.



5. EROTISMO E SEXUALIDADE NO EGITO ANTIGO

Para essa abordagem, apresentamos Lise Manniche em *A vida sexual no Antigo Egito* e Joseph Toledano e El-qhamid em *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*. Embora haja uma escassez de fontes com temáticas sexuais e eróticas, foi possível representar o erotismo do Egito Antigo em três tipologias de fontes referenciais: a 1ª como imagens gráficas a exemplo de papiros, gravações e utensílios; a 2ª em escritos do tipo literário como epopéias e ficções e a 3ª em fontes encontradas em atividades práticas como manuais de ofícios e textos médicos. A sexualidade e o erotismo eram ligados a uma perspectiva religiosa de ver e de se portar no mundo e na sociedade. As mostras de atitudes eróticas não eram entendidas como mundanas, mas sim associadas com os cerimoniais religiosos. Os autores falam de deuses com mitologias repletas de sexualidade como Osíris, Ísis, Háthor, Seth e Hórus. Abaixo, os músicos eróticos, pequenas estatuetas com homens e mulheres em pleno ato sexual, para além de terem um caráter erótico, são também satíricas, pelo exagero voluntariamente utilizado pelo artesão na representação do pênis e da vagina.¹⁵ Recentemente encontrado em Deir el-Medina, o Papiro Erótico de Turim é uma fonte escrita bem conhecida e está em avançada deterioração. Basicamente, ela revela uma série de cenas de orgia, algo considerado comum na época. Abaixo e ao lado, uma reconstrução do Papiro.



Para Manniche, é vivaz a força sexual nas fontes literárias e diversos textos, mas algumas práticas sexuais só eram aceitas em algumas circunstâncias determinadas. Já os autores de *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito* analisam um tipo de prostituição ritual, também muito difundida em culturas vizinhas, entretanto, não há consenso entre os pesquisadores de que tenha sido institucionalizada. Abaixo, mural da tumba de Nebamun que mostra dançarinas e instrumentistas em prostituição ritual em c. de 1350 a.C. Em seguida o Deus Min, da fertilidade sexual masculina, sempre em representações itifálicas. O Deus Seth, da homossexualidade, da violência, da guerra e da escuridão, era a encarnação do espírito da controvérsia. Em inscrição no Templo de Edfu, Seth é chamado de *o afeminado* ou *hemety* que significa aquele que é como mulher ou o que é feminino. Há relatos de homens e mulheres em relações sexuais com animais, a zoofilia. Entretanto, é preciso

¹⁵ Época Ptolemaica, cerca de 305 a.C. Brooklyn Museum, Nova York.

atentar sobre o caráter religioso além do contexto destas constatações, assim como o incesto, a poligamia e uso de amuletos eróticos.

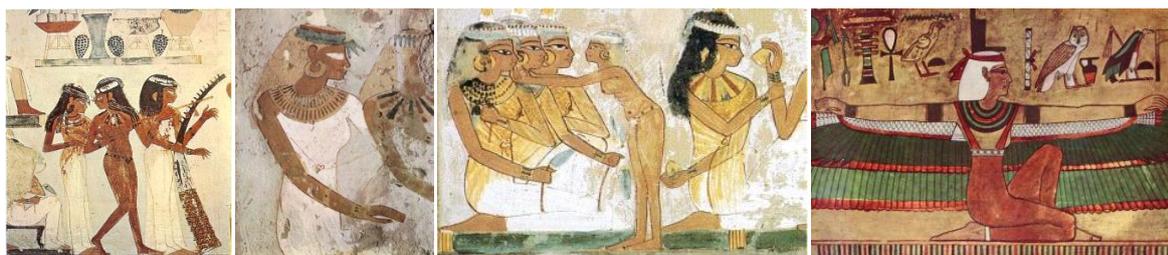


A relação entre homens era tolerada, principalmente, pela similaridade do mito da relação entre Seth e Hórus. Menos frequente nas fontes é o lesbianismo. Abaixo, Niankhkhnun e Khnumhotep. Especula-se que eles representam o primeiro registro de união homossexual da História em c. de 2400 a.C., tumba de Saqqara. O uso de ingredientes contra a impotência e para fertilidade era habitual. Os amuletos fálicos e apotropaicos eram comuns, como a figura do meio, do período Ptolemaico, c. 332 a.C, museu Egípcio de Barcelona. A Deusa Hartor, protetora do amor, da fertilidade e do prazer sexual, recebe flor de Lótus, que tinha conotações sexuais, XVIII dinastia, Tebas. Na verdade, fica claro que o sexo não era um tabu no Egito Antigo, tudo tinha a ver com os costumes e com a religiosidade daquele povo.



6. AS MULHERES EGÍPCIAS

Christian Jacq (Paris, 1947) é um escritor e egiptólogo francês e escreveu *As Egípcias, Retratos de Mulheres do Egito Faraônico*. Trata-se de uma vasta obra sobre as mulheres egípcias, sobre o feminino, sobre as Deusas e sobre mulheres nas diversas classes sociais e no cotidiano. Mostra que as mulheres estavam presentes em todas as esferas daquela civilização, possuindo direitos e liberdade, embora passassem por algumas restrições e muitas delas recebessem apenas títulos que as referiam como chefes do Lar, Primeira Mulher ou Damas. As Egípcias estavam muito ligadas ao casamento e se preparavam para as festas com pedidos a Ísis. Abaixo, três musicistas num banquete, pintura na tumba de Nakht. Mulher enfeitada para banquete, pintada na Câmara de Nebseni. Mulheres se arrumando para festas com ajuda de servas, pediam proteção da Deusa Ísis, pintura na tumba de Nakht. Ísis alada estendendo suas asas, no túmulo de Iry-Nefer, c. 1380 a. C.



O livro merece apreço. Há muitas distinções e relações sociais entre e sobre as mulheres. Abaixo, mulher nos serviços domésticos corriqueiros, meados do final da V Dinastia. A elite representada pela estátua de Merit, esposa de um Ministro de Tutankhamon e Horemheb, em seu túmulo, Saqqara. Ao lado, duas Rainhas Egípcias. Hatshepsut, grande esposa real, regente e faraó, com um reinado de 22 anos de prosperidade, detalhe da XVIII dinastia egípcia, c. 1473-1458 a.C, escultura em pedra calcária no Metropolitan Museum of Art, Nova York. E Cleópatra VII (Alexandria, 69 a.C. - 30 a.C.), última rainha da fase ptolomaica, bastante retratada e estigmatizada no ocidente, escultura em mármore de c. de 40 a.C, Altes, Berlim.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivos levar a reflexões sobre a historiografia do Egito Antigo, questionando o *modus operandi* e o fazer do historiador da antiguidade, apresentando um esquema de referências e, em seguida, tratando sobre seis abordagens e perspectivas metodológicas para se estudar e pesquisar o Egito Antigo. Foi um desafio, em meio a milhares de referências produzidas desde a *Descrição do Egito*, publicado pelo governo francês entre 1809-1823, selecionar e trabalhar, de modo tão breve, metodologias invulgares e complexas para o ensino e a pesquisa; que servem tanto para a Educação básica como para a superior. As seis abordagens se locupletam, e podemos relacioná-las de diversas formas críticas; elas suscitam trabalhar-se em conjunto com outras leituras de referência em cada área e também com iconografias diversas, o que permite conclusões prudentes, estudos mais completos e desenvolvimento de diálogos mais acurados sobre o Egito Antigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, Luís Manuel. *Erotismo e Sexualidade no antigo Egito*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. Vozes: Petrópolis, 1993.
- CABANES, Pierre. *Introdução à História da Antiguidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CANDIDO, Maria Regina. *Corpo: campo de exercício e experimentação comparada*. In.: Uma trajetória na Grécia Antiga, Homenagem à NeydeTheml. / Adriene Baron Tacla, Ciro Flamarion Cardoso. [et al.]. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- CARDOSO, C. F. S. *Antiguidade Oriental: política e religião*. São Paulo, Contexto, 1990.
- COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FINLEY, M.I. *A economia antiga*. Porto, Afrontamento, 1980.
- FUNARI, Pedro Paulo. *A renovação da história antiga*. In.: KARNAL, Leandro. (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GIORDANI, M. C. *História da antiguidade oriental*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- JACQ, Christian. *As Egípcias - Retratos de Mulheres do Egito Faraônico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.
- MANNICHE, Lise. *A vida sexual no Antigo Egito*. Tradução de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.
- ORTIZ, José Miguel Parra. *A vida amorosa no Egito Antigo: sexo, matrimônio e Erotismo*, Madri: Alderabán, 2001.
- ROUSSELLE, Aline. *Pornéia. Sexualidade e amor no Mundo Antigo*. Tradução C. Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- STROUHAL, Eugen. *A vida no Antigo Egito*. Barcelona: Ed. Folio, 2007.
- TALLET, Pierre. *História da cozinha faraônica - a alimentação no Egito Antigo*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005.
- TOLEDANO, Joseph; EL-QHAMID. *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*. Tradução de Suzel Santos e Carlos Nougué. Barcelona: Ed. Folio, 2007.
- THEML, Neyde. et al. *Olhares do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- _____. “História Comparada: olhares plurais”. *Phoinix*, 10, 2004, p. 9-30.